CONJUNTURA INTERNACIONAL
PUC Minas

PESQUISA DE CAMPO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS: NOVOS PARADIGMAS PARA VELHOS DILEMAS

Field Research in International Relations: New paradigms for old dilemmas

Investigación de Campo en Relaciones Internacionales: Nuevos paradigmas para viejos dilemas

Filipe Philipps de Castilho
Doutorando no programa de pós-graduação em Ciência Política pela Universidade Federal do Paraná. Mestre em Ciência Política pela UFPR, Brasil
philipps.filipe14@gmail.com

RESUMO

O objetivo do artigo é o de fazer um panorama acerca de metodologias dentro das Relações Internacionais concernentes à pesquisa de campo ou com um viés mais empírico. Para tal, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre a temática técnica em si, e também de alguns trabalhos dentro da área que se utilizaram de tais métodos.

Palavras-chave: pesquisa de campo, relações internacionais, metodologia.

ABSTRACT

The aim of this article is to provide an overview of methodologies within International Relations concerning field research or with a more empirical bias. To this end, a

Dossiê recebido em: 10 abr. 2025 | Aceito(a) em: 23 mar. 2026.

bibliographical research was carried out on the technical theme itself, as well as on some works within the area that used such methods.

Keywords: field research, international relations, methodology.

RESUMEN

El objetivo del artículo es ofrecer una visión general de las metodologías dentro de las Relaciones Internacionales relacionadas con la investigación de campo o con un sesgo más empírico. Para ello, se realizó una investigación bibliográfica sobre la propia temática técnica, y también sobre algunos trabajos del área que utilizaron dichos métodos.

Palabras clave: investigación de campo, relaciones Internacionales, metodologia.

1 INTRODUÇÃO

Desde o surgimento das Relações Internacionais como um campo acadêmico de investigação no início do século 20, encontramos em sua gênese inspiração em várias disciplinas diversas: Direito, Economia, Ciência Política, História e Sociologia, para citar alguns exemplos. Isto posto, as RI também incorporaram tradições metodológicas e métodos de pesquisa dessas disciplinas em seu âmago. Em alguns casos, as tradições de algumas dessas disciplinas, como a Economia, deixaram uma marca profunda; esse engajamento interdisciplinar, no entanto, não significa um aporte frouxo dentro do campo metodológico das RI. De fato, embora Stephen Walt (2011) aponte que devemos evitar tentativas de impor um único método ou perspectiva teórica no campo, pois isso limitaria as agendas de pesquisa a um escopo estreito, também devemos nos esforçar para produzir pesquisas metodologicamente rigorosas que atendam aos padrões de investigação dentro dos métodos e tradições metodológicas que utilizamos. Longe de carecerem de rigor metodológico, os estudos em RI são frequentemente confrontados com a tarefa de reconciliar um campo que acolhe a pluralidade metodológica e, ao mesmo tempo, adere a padrões rigorosos de métodos.

As diversas tradições metodológicas dentro das RI resultaram no fato de que os pesquisadores acabaram por fazer uso de uma gama diversificada de métodos de pesquisa. Ao contrário de campos de estudo como a Antropologia, que fazem uso de métodos básicos construídos em torno da etnografia e da observação de grupo, as RI trouxeram consigo métodos de pesquisa oriundos de diversos campos. Uma forte compreensão dos métodos de pesquisa não apenas desbloqueia as ferramentas necessárias para uma boa gama de estudos, mas também reforça as habilidades de pensamento crítico que constituem pré-requisitos para uma ampla série de possibilidades. Ao contrário da Ciência Política norte-americana, onde o treinamento em métodos de pesquisa é uma parte central do currículo, os alunos de RI são frequentemente apresentados apenas à debates teóricos, sem uma compreensão firme de questões metodológicas subjacentes. De fato, as contestações teóricas e metodológicas há muito frustram aqueles que tentam se envolver com tópicos importantes dentro da área.

A maioria dos ensaios de pesquisa em RI é empiricamente fundamentada em algum evento da política internacional. Os tópicos de pesquisa que muitas vezes são de interesse incluem uma miríade de questões frequentemente retiradas das manchetes do dia a dia: causas de conflitos em algum país, eclosão de revoluções, acordos de paz, violência política e terrorismo ou respostas internacionais às mudanças climáticas, por exemplo. Enquanto isso, embora o foco geral da contestação teórica dentro das RI migre ao longo do tempo, as

contestações metodológicas subjacentes perduram, principalmente entre aqueles que incorporam suas pesquisas dentro de uma tradição empirista das ciências naturais e aqueles que incorporam suas pesquisas dentro de uma tradição interpretativa mais reflexiva. Essa rivalidade entre essas duas tradições se reflete na diversidade de subcampos de RI com os quais os alunos provavelmente se envolverão durante seus estudos. Esses subcampos incluem, por exemplo, segurança internacional, economia política internacional, análise de política externa, organizações internacionais e política comparada.

Isto posto, a disciplina de RI surge de uma tentativa de entender as causas da guerra e da paz na política internacional. Questões fundamentais, como aquelas que buscavam elucidar os determinantes de conflitos, lançaram as RI como um campo de estudo logo após a Primeira Guerra Mundial, quando a primeira Cátedra de Relações Internacionais foi estabelecida em Aberystwyth em 1919 (Burchill, 2001), permanecendo como um foco de investigação durante a Guerra Fria, à medida que os estudiosos da área buscavam mitigar o risco de um conflito nuclear entre os Estados Unidos e a União Soviética, por meio de teorias de dissuasão baseadas em suposições racionalistas sobre o comportamento das superpotências.

Nos anos pós-Guerra Fria, os conflitos intraestatais expandiram o foco da pesquisa de RI à medida que estudantes e acadêmicos buscavam entender a proliferação de conflitos armados internos. Além disso, a proliferação do ativismo de direitos humanos e dos compromissos acerca da temática assumidos pelos Estados também levou pesquisadores em RI a tentar entender o que parecia ser uma transformação na política mundial, já que os interesses do Estado, antes argumentados pelos realistas como estritamente definidos em termos de poder, agora pareciam abranger uma gama crescente de valores e normas de comportamento (Lamont, 2022). Nesse ínterim, enquanto o empirismo dominou a disciplina durante a segunda metade do século 20, a virada do século é caracterizada por uma maior pluralidade metodológica, com os principais periódicos da área contendo uma ampla gama de pesquisas que vão desde métodos estatísticos e modelagem formal até pesquisas interpretativas. A pluralidade de metodologias de RI e sua diversidade de métodos de pesquisa muitas vezes geram uma quantidade significativa de confusão, mesmo entre os estudiosos da área. É essencial lembrar que tradições metodológicas distintas não apenas empregam métodos diferentes, mas também emergem de tradições, teorias e princípios de raciocínio distintos que moldaram as técnicas de pesquisa usadas ao longo do tempo. Isto posto, fica evidente que as RI são uma disciplina definida por sua inclusão de abordagens concorrentes à metodologia, embora às vezes a percepção de que há uma certa intolerância metodológica em relação à pesquisa que está fora de uma tradição particular também seja visível (Lamont, 2022).

Ao pesquisarmos a literatura existente, fica aparente que os estudos em RI estão longe de serem monolíticos em termos de abordagens e métodos. De fato, podemos argumentar que a área pode ser agrupada em duas amplas tradições epistemológicas que promovem reivindicações concorrentes sobre o que deve ser considerado como conhecimento aceitável dentro do campo: empirismo e interpretativismo. Uma abordagem argumenta que os métodos das ciências naturais devem ser aplicados para estudar o mundo social, enquanto a outra postula que o mundo social não é passível de estudo por meio de métodos científicos e experimentação. Assim, apesar do amplo corpo de pesquisa que se enquadra no escopo das RI, a maioria das pesquisas pode ser situada em uma dessas duas tradições, com os estudiosos da área descrevendo essa divisão como fundamental dentro da disciplina (Burchill, 2001). O objetivo deste artigo é o de enfocar o caráter metodológico mais empírico, especificamente na questão da pesquisa de campo, procurando abordar os fundamentos desse tipo de análise e o seu papel dentro dos estudos em Relações Internacionais. Primeiramente será realizado um pequeno preâmbulo sobre o que é o conceito da pesquisa de campo em si, para depois focalizar seu papel dentro de um bom estudo metodológico em RI, citando alguns exemplos e práticas.

2 O QUE É PESQUISA DE CAMPO?

A pesquisa de campo é o processo de coleta de dados primários, seja por meio do acesso a documentos de fontes primárias, seja por meio de entrevistas, observação participante, questionários ou outros métodos destinados a obter respostas de seres humanos. Em relação às tentativas de acessar novos dados primários por meio de interações com pessoas, a pesquisa de campo geralmente depende de técnicas de coleta de dados qualitativas ou quantitativas estabelecidas. Todas essas técnicas exigem que o pesquisador obtenha o consentimento informado dos participantes (Barberia et al., 2014).

Um dos primeiros dilemas enfrentados por aqueles que estão começando uma pesquisa de campo é o desafio do acesso. A negação do acesso pode exigir que seja necessária a procura de novas fontes de informação, por exemplo. Para negociar efetivamente o acesso, primeiro é necessário traçar um objetivo: saber o que se procura investigar e com quem se deseja conversar, o que requer uma ideia clara do tipo de dados primários que se deseja coletar e um conhecimento detalhado do grupo, organização ou instituição com a qual se conduzirá o trabalho de campo. Em alguns casos, uma afiliação com uma organização, seja acadêmica, governamental ou não governamental, pode ser uma ferramenta eficaz para obter acesso aos dados pretendidos. Em alguns contextos culturais, como no Japão, garantir uma afiliação acadêmica ou em uma think tank local pode ser essencial para ganhar a

confiança de potenciais participantes do trabalho de campo (Samra, 2024). No entanto, essa forma pode resultar em possíveis conflitos de interesse éticos, como uma assimetria na relação entre pesquisador e potenciais participantes da pesquisa. Muitas vezes, um dos primeiros pontos de contato ao abordar uma organização internacional, ONG, ministério das Relações Exteriores ou partido político é um porta-voz oficial. Embora um porta-voz possa ser útil para fornecer uma visão geral de uma organização específica e suas posições oficiais, para a pesquisa de rastreamento de processos, o ideal é conversar com aqueles que estão ou estiveram em funções de tomada de decisão em uma organização específica (Lamont, 2022).

Outra estratégia de acesso é a amostragem de bola de neve, que seria confiar no contato com as primeiras pessoas abordadas durante a pesquisa, esperando que as mesmas apresentes outros potenciais participantes (Jacobsen, Landau, 2003). Isso efetivamente permite que se penetre rapidamente em determinados grupos de pares ou comunidades profissionais. Embora a amostragem em bola de neve seja uma estratégia comum de pesquisa de campo, existem desvantagens metodológicas em tal abordagem. Em particular, a amostragem de bola de neve pode ter o efeito de prender o pesquisador em uma rede específica. Dependendo do projeto de pesquisa, isso pode ter o efeito de gerar viés amostral, principalmente se o grupo no foco do estudo for maior do que o subgrupo que se acessou por meio de amostragem (Lamont, 2022).

A amostragem bola de neve, embora comumente usada como uma estratégia para obter acesso aos participantes da pesquisa de campo, inclui riscos significativos para o pesquisador em termos de validade dos dados. Em alguns casos, um risco interno é gerado porque tal abordagem depende de uma rede específica de pessoas. Portanto, podemos esperar que os respondentes se comuniquem entre si sobre as perguntas de pesquisa e suas respostas às perguntas. Além disso, os dados coletados por meio dessa técnica geralmente capturam apenas um instantâneo das atividades e práticas de um determinado grupo ou rede social. Assim, a amostragem em bola de neve, embora seja um meio altamente eficaz de obter acesso a uma rede específica em um curto período de tempo, pode facilmente resultar em limitações significativas nos dados coletados (Batista, Domingos, 2017). Ou seja, no início do processo de pesquisa de campo, é extremamente importante que primeiro se tenha uma ideia clara de que tipo de dados se está procurando e que tipos de atividades de pesquisa de campo poderá se realizar. Também é vantajoso ter adquirido familiaridade com o ambiente geográfico, cultural e político em que a pesquisa de campo ocorrerá ou com a organização que se está abordando (Lamont, 2022).

3 PESQUISA DE CAMPO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

A pesquisa de campo tem assumido um papel cada vez mais importante nas agendas de pesquisa de RI nas últimas duas décadas. O fim da Guerra Fria e o afastamento das abordagens centradas no Estado para explicar e entender a política internacional exigiram uma compreensão mais profunda de uma ampla gama de atores sociais que incluem comunidades locais, organizações não governamentais, grupos armados não estatais e indivíduos (Lamont, 2022). Além disso, a popularização dos métodos de estudo de caso em RI trouxe um foco maior no rastreamento de processos, mecanismos causais e explicações históricas, que exigem pesquisa de campo aprofundada para desenterrar o material de fonte primária. Embora a pesquisa de campo esteja há muito tempo no centro dos métodos de pesquisa etnográfica, antropológica e até mesmo de política comparada, o alto nível de abstração e centralização do Estado da teoria das Relações Internacionais deixou fora de foco, no passado, os discursos subalternos, o papel de atores não estatais ou os processos de tomada de decisão dentro de estados e organizações internacionais. Como tal, apesar da proliferação de agendas de pesquisa que buscam compreender o crime organizado internacional (Von Lampe, 2012), o tráfico (Kupatadze, 2010), ou financiamento do terrorismo (Wittig, 2011), por exemplo, o treinamento em métodos em RI tem sido lento para fornecer aos pesquisadores uma orientação quanto aos desafios específicos que provavelmente enfrentarão ao tentar operacionalizar as principais técnicas de coleta de dados qualitativos ou quantitativos, como pesquisas, questionários ou entrevistas, às vezes em ambientes hostis (Mertus, 2009).

Dentro das Relações Internacionais, pesquisa em arquivos e a pesquisa baseada em entrevistas são as mais comuns. Os grupos focais e a observação participante são menos empregados, principalmente devido ao alto custo da realização dos mesmos, principalmente se tratando de grupos focais. No entanto, o denominador comum para todas as formas de pesquisa que exigem que se interaja com pessoas é a necessidade de garantir o consentimento informado dos participantes do trabalho de campo. Em muitos ambientes acadêmicos, será solicitada a aprovação institucional formal por meio de um comitê de ética para o trabalho de campo. No contexto da pesquisa de campo, é importante lembrar que os comitês de revisão de ética avaliarão o projeto com o objetivo específico de determinar se o pesquisador tomou medidas para proteger os participantes de sua pesquisa e se sua pesquisa envolve ou não adultos e crianças vulneráveis. e, em caso afirmativo, que treinamento ou qualificações o pesquisador pode ter para trabalhar com esses grupos (Lamont, 2022). Muitas vezes a flexibilidade por parte do pesquisador é a chave para o sucesso do trabalho de campo. Muitas vezes podemos encontrar obstáculos, o que fará o pesquisador a repensar seus métodos de coleta de dados. Por exemplo, podemos descobrir que não conseguimos coletar

dados de pesquisa específicos, obrigando o uso de entrevistas. Outros obstáculos podem não estar relacionados a métodos, mas a desafios no acesso aos assuntos de pesquisa no terreno.

A técnica de coleta de dados de pesquisa de campo mais comum que envolve seres humanos em Relações Internacionais é a entrevista. Uma vez que se saiba quem entrevistar e que tipo de entrevista se realizará (estruturada, semiestruturada ou não estruturada) (Leech, 2002), é importante ganhar a confiança dos entrevistados. Antes de se iniciar a entrevista, é de bom tom escrever uma breve descrição da pesquisa, que seja compreensível e acessível aos entrevistados. Geralmente esse resumo do projeto de pesquisa inclui a afiliação institucional ou profissional do pesquisador, informa quem está financiando a pesquisa e detalhe como irão ser usadas as descobertas.

Em alguns casos, garantir o consentimento informado por escrito dos participantes de um projeto de pesquisa pode ser dificultoso, muitas vezes por razões culturais. Em muitos contextos, podemos encontrar potenciais participantes da pesquisa respondendo desconfortavelmente a um pedido para assinar um documento escrito antes de uma entrevista, por exemplo, e em outros casos, quando os pesquisadores buscam acessar indivíduos envolvidos em atividades ilícitas, a aplicação de métodos tradicionais pode ser impossível. Kukhiandze et al. (2004) foram confrontados com a inexistência de documentos primários oficiais confiáveis disponíveis em relação à Abecásia e à Ossétia do Sul, dados que os representantes oficiais do governo georgiano não podiam ou não queriam fornecer Kukhiandze et al., 2004). O resultado foi que sua equipe de pesquisa seguiu o caminho não convencional de ocultar seu papel como pesquisadores para convencer os participantes de que os pesquisadores eram na verdade contrabandistas. Essa estratégia permitiu que obtivessem uma visão sobre a atividade ilícita específica que não poderia ter sido alcançada por meio de práticas convencionais de trabalho de campo. No entanto, é improvável que esses métodos de pesquisa não convencionais que envolvem engano e ocultação sejam aprovados pela instituição de origem para fins de pesquisa estudantil, dado que colocam o pesquisador e os participantes envolvidos em risco (Lamont, 2022).

Os tipos de questões de pesquisa colocadas por pesquisadores que estudam política internacional, como aquelas focadas na compreensão das causas de conflito ou políticas contenciosas sob regimes autoritários, significam que muitas vezes os interesses de pesquisa levam a lugares politicamente instáveis. Norman (2009) observa algumas das preocupações com as quais foi confrontada ao realizar trabalho de campo nos territórios palestinos, pois métodos participativos envolvendo grupos focais, por exemplo, podem refletir o objetivo dos pesquisadores de estabelecer confiança por meio de reuniões inclusivas; no entanto, tais reuniões podem apresentar uma situação de alto risco em zonas de conflito ativo nas quais tais assembleias são diretamente visadas (Norman, 2009). A experiência de Norman destaca

o difícil nexo entre os métodos de pesquisa e as realidades complexas da realização de pesquisas de campo. Em alguns casos, devemos levar em conta a perspectiva de violência contra os participantes da pesquisa e as tentativas de alguns atores de manipular os resultados ou intimidar outros participantes.

4 POR QUE UTILIZAR PESQUISA DE CAMPO?

Para um número crescente de agendas de pesquisa em RI, o cerne do estudo não pode ser realizado por meio de pesquisas documentais tradicionais. Uma série de questões exige que o afastamento das suposições existentes na literatura visando reunir novos dados sobre fenômenos que mudam rapidamente. Encontrar respostas para algumas perguntas, como aquelas envolvendo conflitos armados afetando populações civis, as causas de violência política, análise de governança em determinados territórios e afins, provavelmente exigirá que se crie uma estratégia para coletar novos dados primários. As fontes acadêmicas secundárias geralmente são de utilidade limitada e os conjuntos de dados existentes geralmente não contêm o tipo de informação contextual detalhada necessária para responder às questões de pesquisa colocadas nas RI. Muitas vezes, os dados existentes são incompletos ou não confiáveis. Mesmo documentos oficiais podem ser problemáticos, conforme observado por Kukhiandze et al. (2004) em seu estudo sobre o contrabando transfronteiriço na Abecásia e Tskhinvali, observando que nenhum ramo do governo georgiano tinha dados estatísticos ou analíticos suficientes sobre a situação socioeconômica nas repúblicas separatistas. As agências de estatística das autoproclamadas repúblicas também não possuíam informações exatas sobre as atividades econômicas na região. (Kukhiandze et al., 2004). Ao pesquisar o financiamento do terrorismo ao longo da fronteira entre a Geórgia e a Chechênia, Wittig apontou que de um modo geral, a realização de pesquisas empíricas sobre o financiamento do terrorismo é muito difícil, dado que as evidências documentais primárias são extremamente raras, e entrevistar os envolvidos ou suspeitos de estarem envolvidos no financiamento de atores terroristas é uma tarefa quase impossível (Wittig, 2009).

Ou seja, encontramos um duplo desafio: a falta de dados primários existentes e a relutância dos interlocutores em participar da pesquisa. Lamont (2010) quando realizou uma pesquisa sobre a cooperação do Estado com as ordens do Tribunal Penal Internacional, de 2005 a 2008, viu que as informações sobre prisões e transferências de suspeitos de crimes de guerra para o Tribunal Penal Internacional para a custódia da ex-Iugoslávia estavam disponíveis, mas quase não havia informações sobre as motivações e processos subjacentes que levaram os Estados a cumprir ou não essas ordens de prisão e transferência. Neste caso,

os dados gerais sobre o número de transferências eram confiáveis; no entanto, os próprios dados forneceram poucas pistas sobre o processo que levou à realização das transferências. Além disso, o autor apontou o desafio de localizar participantes que conhecessem essas motivações e estivessem dispostos a conversar com um pesquisador (Lamont, 2010).

Além da necessidade de acessar dados precisos e confiáveis, há também o fato de que a pesquisa de campo pode desempenhar uma função importante por meio do processo de trazer novas descobertas e insights para os debates acadêmicos. Em alguns casos, isso pode resultar na descoberta de novos insights que podem ajudar a entender melhor o impacto de decisões políticas específicas, ou pode apresentar discursos subalternos anteriormente negligenciados. Muitas contribuições da pesquisa intensiva de trabalho de campo oferecem insights paradigmáticos interpretativos ou empíricos que seriam impossíveis de produzir sem ter um conhecimento profundo dos locais de campo (Diedtrich et al. 2021).

A pesquisa de campo ainda é relativamente rara em RI, e sua escassez pode levar a equívocos sobre seu valor potencial. Como McDermott (2011) aponta, o uso permanece longe de ser comum nas Relações Internacionais. Em 2011, uma pesquisa com acadêmicos da área mostrou que apenas 4% dos mais de 1.000 entrevistados usavam metodologia experimental (entre elas, a pesquisa de campo) (McDermott 2011). Para os experimentalistas de RI, um dos maiores desafios decorre do tipo de questões que o campo tende a explorar. Muitas vezes é difícil fornecer uma ligação convincente entre as teorias de RI de nível macro, algumas das quais se concentram na natureza do próprio sistema internacional, e os estudos experimentais, que são mais comumente realizados em indivíduos ou pequenos grupos. Os assuntos mais reconhecidos na pesquisa de RI são os estados soberanos. Como os experimentos exigem grupos de tratamento e controle suficientemente grandes, os assuntos mais comuns da pesquisa experimental são unidades abaixo do nível de análise do país (Diedtrich et al. 2021). Assim, a menos que um experimento randomize um tratamento em muitos ou todos os países do sistema internacional, os estudiosos de RI que incorporam experimentos em suas pesquisas devem de alguma forma conectar as descobertas de nível micro às questões de nível macro. A quadratura desse círculo é possível, pelo menos em muitas áreas substantivas da pesquisa de RI, mas as melhores maneiras de fazê-lo não são amplamente aceitas e há poucos exemplos de agendas de pesquisa para usar como modelos.

Até o momento, os experimentos de campo são de longe o tipo menos comum de experimento em RI. Sua força reside em seu realismo e em sua capacidade de introduzir alavancagem causal - por meio da randomização - no estudo de fenômenos complexos do mundo real. Problemas de validade externa ainda existem, mas são substancialmente diferentes daqueles que caracterizam experimentos de laboratório e pesquisa. Enquanto um experimento de laboratório ou pesquisa pode não se aproximar de forma útil de algum

fenômeno do mundo real, os experimentos de campo, se conduzidos adequadamente, representam pelo menos uma situação empírica de fato (Diedtrich et al. 2021). As questões sobre a validade externa em experimentos de campo centram-se em quais situações do mundo real são suficientemente semelhantes ao contexto em que o experimento de campo foi conduzido. A replicação em contextos teoricamente importantes fornece uma resposta empírica a questões sobre validade externa, embora tais replicações ainda sejam quase inéditas para experimentação de campo em RI. Os estudos experimentais de campo geralmente envolvem intervenções aleatórias abaixo do nível estadual ou randomização de tratamentos em atores não estatais, como ONGs ou empresas transnacionais (Findley et al. 2013). No entanto, os experimentos de campo não precisam levar a análise até o nível individual, como alguns estudiosos supõem (Pepinsky, 2005). Juntamente com experimentos de laboratório e pesquisa, bem como outros métodos, os experimentos de campo têm o potencial de melhorar a compreensão atual das implicações em nível micro de várias teorias de RI. Ao delinear as implicações observáveis de teorias específicas, os estudiosos devem se concentrar em saber se algum aspecto importante de suas teorias pode ser testado experimentalmente. Na medida em que uma realidade complexa pode ser uma parte importante do contexto teórico, os experimentos de campo podem ser considerados parte de uma agenda de pesquisa (Lamont, 2022).

Os leitores de pesquisas experimentais de campo devem ter cautela ao julgar se um único estudo é "importante", pois raramente um único experimento de campo fornecerá a palavra definitiva sobre um assunto. Pode mostrar, por exemplo, que uma relação causal particular pode existir, pelo menos em determinado lugar e em um momento no tempo específico, mas pode apresentar maior dificuldade em mostrar as condições sob as quais uma relação causal particular provavelmente se manterá (Diedtrich et al. 2021). Assim, os experimentos de campo de RI devem ser vistos no contexto de uma agenda de pesquisa mais ampla e são mais substantivamente significativos se forem replicados ao longo do tempo e em contextos teoricamente relevantes (o que reconhecidamente não é possível para fenômenos históricos). Em algumas áreas, também será informativo comparar os resultados experimentais de campo com pesquisas relevantes e estudos observacionais (Findley et al. 2013). Para ilustrar, uma área de pesquisa de RI se concentra na eficácia das organizações internacionais e sua capacidade de realizar seus objetivos declarados, como a capacidade do Banco Mundial ou das Nações Unidas de facilitar a reconstrução do pós-guerra e a recuperação econômica. Existem dezenas de experimentos de campo, realizados principalmente por economistas, sobre a eficácia da intervenção pós-conflito e de programas financiados pelas Nações Unidas ou pelo Banco Mundial (Avdeenko, Gilligan, 2014; Beath et al. 2013; Blattman et al. 2014; Fearon et al. 2009). No entanto, muitos desses estudos são de

autoria externa às RI e não foram necessariamente lidos por estudiosos da área, criando uma oportunidade para os pesquisadores articularem como esses e outros estudos relacionados lançam luz sobre as teorias sobre a eficácia das organizações (Hyde et al., 2022). Existem outras áreas de pesquisa nas quais as descobertas experimentais existentes podem ser conectadas a teorias de RI mais amplas, como pesquisas em andamento sobre a difusão da inovação, a disseminação de doenças, migração, comportamento do consumidor e etnia. No entanto, a tarefa de conectar essas teorias, suas implicações observáveis e as descobertas experimentais existentes requer trabalho adicional e uma mudança de perspectiva que permanece relativamente rara no subcampo (Diedtrich et al. 2021).

A pesquisa observacional pode mostrar que os esforços internacionais para provocar mudanças em determinados países estão correlacionados com uma variedade de consequências positivas e negativas, mas enfrentam barreiras significativas para demonstrar que a intervenção internacional realmente causa quaisquer consequências intencionais ou não intencionais. Na maioria dos estudos observacionais de intervenção internacional, qualquer correlação observada pode ser espúria, porque alguma variável omitida pode causar tanto a intervenção quanto mudanças no resultado de interesse. Corstange e Marinov usam métodos experimentais de pesquisa para avaliar como os públicos estrangeiros respondem aos esforços de pessoas de fora para influenciar suas eleições internas, seja favorecendo um partido político ou candidato (Corstange, Marinov, 2012). Hyde et al. (2022) usam métodos experimentais de campo, em colaboração com uma ONG internacional, para mostrar que, no contexto eleitoral autoritário do Camboja, os programas internacionais de promoção da democracia voltados para aldeias rurais são bem-sucedidos em mudar a disposição dos cidadãos de se engajar em ações cívicas democráticas que requerem agência individual. No entanto, esses programas não convenceram os cidadãos de que o Camboja é democrático ou que as instituições políticas cambojanas responderam às suas necessidades (Hyde et al., 2022). Em uma área separada, mas relacionada, de pesquisa em estudos de segurança, os estudiosos começaram a examinar as implicações em nível micro de vários componentes da contra-insurgência e dos esforços internacionais para reduzir o conflito civil. As ferramentas mais comuns são experimentos de pesquisa ou experimentos de laboratório em campo em populações de interesse, incluindo cidadãos em países como Afeganistão, Paquistão e Uganda (Beath et al. 2012; Berman et al. 2019; Fearon et al. 2009). Vários estudos recentes usam métodos experimentais, incluindo alguns experimentos de campo, para examinar o direito internacional. Eles começaram a avaliar quais fatores podem aumentar ou explicar a conformidade com o direito internacional em uma variedade de áreas temáticas (Findley et al. 2013; Jensen et al.; 2013; Tingley, Tomz, 2012).

5 CONCLUSÃO

O objetivo do artigo foi o de mostrar brevemente a importância do trabalho de campo para as RI, mostrando como podemos acessar novos dados primários utilizando tal estratégia. Mesmo quando um pesquisador não consegue controlar realisticamente a randomização de variáveis com efeitos causais potencialmente importantes - como dotações de recursos naturais, ocorrência de intervenção militar estrangeira, participação em guerra, tipo de regime, alianças militares, crises cambiais ou participação em instituições internacionais - a linguagem da experimentação pode ser útil para que pesquisadores pensem nas implicações empíricas de um argumento como se fossem a randomização da explicação de variáveis de interesse no mundo real.

Resumindo de maneira sucinta, a pesquisa de campo é uma atividade desafiadora que confronta o pesquisador com uma série de dilemas e obstáculos inesperados. Muitas vezes, o trabalho de campo é o componente crucial de um processo de pesquisa que determinará o sucesso ou o fracasso de um projeto de pesquisa. A falha na coleta de dados novos ou relevantes na área pode resultados no abandono de muitos insights teóricos ou metodológicos. Exatamente por isso, é necessário nos voltarmos para novas e diversas abordagens estratégicas visando a metodologia, e a pesquisa de campo pode ser uma excelente ferramenta. No entanto, embora a pesquisa de campo possa ser desafiadora, não há razão para que, mesmo nas circunstâncias mais difíceis, não seja empregada, principalmente se pensarmos no desenvolvimento metodológico da área e na coleta de dados específicos e desafiadores.

REFERÊNCIAS

AVDEENKO, A.; GILLIGAN, M.; AVDEENKO, A.; GILLIGAN, M J. International interventions to build social capital: evidence from a field experiment in Sudan, **Policy Research Working Paper Series** 6772, The World Bank, 2014.

BARBERIA, S. R. GODOY, D. P. BARBOZA. Novas perspectivas sobre o "calcanhar metodológico": o ensino de métodos de pesquisa em ciência política no Brasil. **Teoria & Sociedade**, 22: 156-186, 2014.

BATISTA, A. DOMINGOS. Mais que boas intenções: técnicas quantitativas e qualitativas na avaliação de impacto de políticas públicas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 32: 2017.

BLATTMAN, Christopher; FIALA, Nathan; MARTINEZ, Sebastian. Generating Skilled Self-Employment in Developing Countries: Experimental Evidence from Uganda, **The Quarterly Journal of Economics**, Volume 129, Issue 2, Pages 697–752, 2014.

BEATH, A., CHRISTIA, F., & ENIKOLOPOV, R. **Empowering Women through Development Aid: Evidence from a Field Experiment in Afghanistan**, 2013.

BERMAN, ELI, CALLEN, MICHAEL, GIBSON, CLARK; LONG, JAMES D. Election Fairness and Government Legitimacy in Afghanistan. **Journal of Economic Behavior and Organization** 168: 292–317, 2019.

BURCHILL, Scott. **Theories of International Relations**. Palgrave Macmillan, New York, 2001.

CORSTANGE, D., MARINOV, N. Taking Sides in Other People's Elections: The Polarizing Effect of Foreign Intervention. **American Journal of Political Science**, 56: 655-670, 2012.

DIETRICH, Simone, HARDT, Heidi, SWEDLUND, Haley J. How to make elite experiments work in International Relations. **European Journal of International Relations**, *27*(2), 596-621, 2021.

FEARON, JAMES D., MACARTAN HUMPHREYS, JEREMY M. WEINSTEIN. Can Development Aid Contribute to Social Cohesion after Civil War? Evidence from a Field Experiment in Post-conflict Liberia." **American Economic Review** 99 (2): 287–91, 2009**.**

FINDLEY M, NIELSON D AND SHARMAN J. Using field experiments in international relations: a randomized study of anonymous incorporation. **International Organization** 67(4): 657–693, 2013.

GILLIGAN, M. J., MVUKIYEHE, E. N., & SAMII, C. Reintegrating Rebels into Civilian Life: Quasi-Experimental Evidence from Burundi. **Journal of Conflict Resolution**, 57(4), 598-626, 2012.

HYDE, S. D., LAMB, E., & SAMET, O. Promoting Democracy Under Electoral Authoritarianism: Evidence From Cambodia. **Comparative Political Studies**, 56(7), 1029-1071, 2022.

JACOBSEN, K, LANDAU, L.B. The Dual Imperative in Refugee Research: Some Methodological and Ethical Considerations in Social Science. **Research on Forced Migration. Disasters**, 27: 185-206, 2003.

JENSEN, Nathan M.; MALESKY, Edmund J.; WEYMOUTH, Stephen J., Unbundling the Relationship between Authoritarian Legislatures and Political Risk (September 30, 2013). Unbundling the Relationship between Authoritarian Legislatures and Political Risk. British **Journal of Political Science**, 2013.

KUKHIANIDZE, K., KUPATADZE, A.; GOTSIRIDZE, R. Smuggling Through Abkhazia and Tskhinvali Region of Georgia, Tbilisi. **American University's Transnational Crime and Corruption Center**, Georgia Office, 2004.

KUPATADZE, Alexander. **Transitions after transitions: coloured revolutions and organized crime in Georgia, Ukraine and Kyrgyzstan**. University of St. Andrews, 2010.

LAMONT C**. International criminal justice and the politics of transition in Croatia**, Irex scholar research brief, 2010.

LAMONT, C. **Research Method in International Relations**, Sage Publications, London, 2022.

LEECH, Beth L. Asking Questions: Techniques for Semi-Structured Interviews, **PS-Washington**, 35 (4): 665–8, 2002.

MERTUS, Julian. **Human Rights Matters**: Local Politics and National Human Rights Institutions. Stanford University Press, 2009.

MCDERMOTT, R. New directions for experimental work in international relations. **International Studies Quarterly** 55(2): 503–520, 2011.

NORMAN, Julie M. '**Got Trust? The Challenges of Gaining Access in Conflict Zones'**, in Chandra Lekha Sriram, John C. King, Julie A. Mertus, Olga Martin-Ortega and Johanna Herman (eds), Surviving Field Research: Working in Violent and Difficult Situations. New York: Routledge, 2009.

PEPINSKY, Thomas B. From Agents to Outcomes: Simulation in International Relation, European **Journal of International Relations**, 11 (3): 267–394, 2005.

SAMRA, A. The debates of methodology and methods: reflections on the development of the study of international relations", **Review of Economics and Political Science**, Vol. 9 No. 6, pp. 554-57, 2024.

TINGLEY, D., TOMZ, M. Conditional Cooperation and Climate Change. **Comparative Political Studies**, 47(3), 344-368, 2013.

VON LAMPE, K. As dimensões interdisciplinares do estudo do crime organizado. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 17, n. 33, 2012.

WALT, Stephen M., International Affairs and the Public Sphere. **HKS Working Paper** No. RWP11-030, 2011.

WITTIG, Timothy. Financing Terrorism along the Chechnya-Georgia Border, 1999–2002, **Global Crime**, 10 (3): 248–60, 2009.

WITTIG, T. **Understanding terrorist finance**. Springer Nature B.V., 2011.